

# Periferia mundial: O debate da acumulação primitiva e etapismo

Daniel Alves Rodrigues Luciano<sup>1</sup>

**Resumo:** A trajetória do pensamento marxista passou, e ainda passa, por diferentes<sup>2</sup> transformações ao decorrer dos séculos, essas mudanças nos modos de interpretar a realidade irão variar de locais e conjunturas. O método marxista obviamente derivava dos principais escritos de Marx, em especial aqueles contidos em *O capital*. O desenvolvimento do capitalismo na Europa, em especial na Inglaterra, passou por uma etapa inicial chamada acumulação primitiva que consistia na desapropriação de terras coletivas e liberação de mão de obra camponesa para as cidades, desenvolvendo as forças produtivas, processo inicialmente apontado como necessário para uma revolução socialista. Diante dessa condição revolucionária vários países fora dos principais centros capitalistas europeus se viam em posições atrasadas em relação ao caminho para uma revolução. A grande questão e a mudança no pensamento de Engels e principalmente Marx, ao que se refere a periferia e os caminhos revolucionários para esses países. É nessa perspectiva marxiana que o trabalho se desenvolve.

**Palavras-chave:** acumulação primitiva; periferia; América Latina

**Abstract:** The trajectory of Marxist thought has gone through, and still goes through, different transformations over the centuries, these changes in the ways of interpreting reality will vary from places and circumstances. The Marxist method obviously derived from Marx's main writings, especially those contained in *Capital*. The development of capitalism in Europe, especially in England, went through an initial stage called previous accumulation which consisted of the expropriation of collective lands and the liberation of hands of peasant work for the cities, developing the productive forces, a process initially identified as necessary for a socialist revolution. Faced with this condition, it would revolutionize several countries outside the main European capitalist centers and found themselves in backward positions in relation to the path to a revolution. The big question and the change in the thinking of Engels and especially Marx, regarding the periphery and the revolutionary paths for these countries. And it is in this Marxian perspective that the work develops.

**Keywords:** previous accumulation; periphery; Latin America

## 1- Introdução

O desenvolvimento de uma perspectiva revolucionária depende de vários fatores concretos, e muitas vezes adversos, então não há espaço para futurismo “e se esses textos não tivessem colocados como menos importantes?” O resgate de alguns textos de Marx e Engels corresponde mais a necessidades do presente, e o presente demanda uma atualização de Marx e do pensamento marxista.

---

<sup>1</sup> Formado em história pelo Centro Universitário de Brasília UniCEUB em 2018 mestrando desde 2019 no departamento de Estudos Latino Americanos (ELA)

A primeira parte desse trabalho consiste em demonstrar o que Marx coloca como acumulação primitiva e seus impactos na Europa, passando assim pelas condições pré-capitalistas existentes do sistema, mostrando pequenas passagens do autor sobre países fora da Europa. Logo após essa demonstração será apresentada as visões de Marx e Engels sobre países não capitalistas, semifeudais, comunidades primitivas e questões raciais, temas bem presentes fora do centro econômico do século XIX.

Logo em seguida pensamentos marxistas sobre a realidade não capitalista será exposta. Pensadores como Rosa Luxemburgo e Jose Carlos Mariategui trarão uma reflexão a respeito da periferia e de novos sujeitos revolucionários. O artigo sempre buscara expor o desenvolvimento do pensamento de marxistas e o de Marx.

A parte final do trabalho consiste apresentar o caminho ortodoxo marxista e seus impactos para outras realidades, em especial a latino-americana, colocando em pauta o debate entre Agustin Cueva e Ruy Mauro Marini e a questão dos partidos comunistas e o declínio do pensamento marxista tradicionalmente conhecido a partir da década de 1970. A questão do desenvolvimento foi bastante cara para o continente latino americano na metade de décadas do século XX, por isso a necessidade de apresentar o debate e outras perspectivas de movimento de transformação radical da sociedade. Carregando o desenrolar histórico da revolução cubana, o desenvolvimento do marxismo e do marxianismo são reformulados a camiiho da construção de um novo paradigma, não cabe nesse trabalho abordar se o processo paradigmático conseguiu se formar ou ficou incompleto devido a interrupção de processos políticos ocorridos na metade da década de sessenta.

Na conclusão serão elaborados pequenos parágrafos a respeito do porquê Marx não foi um autor superado e da importância de lutas contemporâneas não descartarem ou trazerem um revisionismo histórico sobre lutas travadas durante séculos para trazer uma realidade mais justa e igualitária.

Cabe dizer que esse trabalho não tem como objetivo desmerecer o trilhar do pensamento marxista ou nenhum pensador em específico, não se trata de uma discussão de Marx versus marxismo, e sim de uma questão de atualização do pensamento de Marx enquanto potencial de luta e transformação social.

## **2- A acumulação primitiva e condição revolucionária**

No livro *O capital* no capítulo XXIV referente a acumulação primitiva Marx aponta como “pecado original” (MARX, 1980, p.829) antecedente ao sistema capitalista o

processo de criação da propriedade privada, e principalmente a separação dos meios de produção dos trabalhadores, resultando na dissolução das instituições feudais transformando antigos servos em assalariados.

A transição para o sistema econômico capitalista, como demonstra o autor, vai muito mais além que uma visão reducionista dos historiadores burgueses que viam como uma transição de produção. Nesse presente texto são analisados os reais impactos para a formação da sociedade moderna britânica como a expropriação dos camponeses, legislação contra a vadiagem, leis para rebaixamento salarial, formação do mercado interno e capital industrial.

“O prelúdio da revolução que criou a base do modo capitalista de produção ocorreu no último terço do século XV e nas primeiras décadas o século XVI [...] Oportunando-se arrogantemente ao Rei e ao Parlamento, o grande senhor feudal criou um proletariado incomparavelmente maior, usurpando as terras comuns e expulsando os camponeses das terras, os quais possuíam direitos sobre elas, baseados, como os do próprio senhor, nos mesmos institutos feudais. O florescimento da manufatura de lã, com elevação consequente dos preços da lã, impulsionou diretamente essas violências na Inglaterra. (MARX, 1980, p. 833). “

Durante o processo de desapropriação Marx coloca que até mesmo os legisladores, no primeiro momento, não chegaram ao nível de fazer a pauperização da população e o desenvolvimento econômico consistisse no elemento que norteasse a política. (MARX, 1980. 834). Não demorou muito para que a legislação estreitasse para os camponeses, com a chegada da reforma protestante no século XVI a igreja católica perdeu grande parte do seu território e conventos agravando ainda mais a vida dos camponeses.

Na relação de propriedade entre a terra e o camponês, o livro descreve que até o século XVII existiam copropriedades da terra, conhecidos como yeomanry (camponeses independentes) viviam e trabalhavam em propriedades comunais até o ano de 1750 aproximadamente. Como dito anteriormente o campo legislativo tinha se colocado como forma mais amena em relação a desapropriação de terras, porém no século XVII a situação muda

“O progresso do século XVIII consiste em ter tornado a própria lei veículo do roubo de terras pertencentes ao povo, embora os grandes empregassem simultânea e independentemente seus pequenos métodos particulares. O roubo assume a forma parlamentar que lhe dão as leis

relativas ao cercamento das terras comuns, ou melhor, os decretos com que os senhores das terras se presenteiam com os bens que pertencem ao povo, tornando-os sua propriedade particular, decretos de expropriação do povo (MARX, 1980, p. 841).”

Enquanto no século XIX o processo de tomada da terra continuou. Como coloca Karl Marx “em 1825, os 15000 aborígenes gaélicos estavam substituídos por 131000 ovelhas” (1980, p. 847). Além da expulsão de camponeses e comunidades originárias de suas terras foi possível contar com o aparelho legislativo para a educação ao trabalho dos despossuídos que chegavam nas cidades, que por sua vez ficam mais cheias de pessoas marginalizadas.

Segundo a lei de Henrique VIII datada em 1530, mendigos velhos e pessoas incapazes de trabalhar tem direito a uma licença para pedir esmola. O importante a se destacar é que a escravatura já nesse momento já está baseada em termos modernos de propriedade e trabalho. Elizabeth em 1597 coloca que mendigos com mais de quatorze anos serão flagelados e terão as orelhas marcadas <sup>3</sup>

Além da legislação sanguinária e do grande exército de contingência de trabalhadores outro fator importante que Marx coloca para o processo de acumulação primitiva é a força do Estado para garantir a regulamentação de baixos salários e grandes horas de trabalho (MARX, 1980, p. 855). Tudo isso combinado com punições severas. Até 1871 essas leis estavam em voga na Inglaterra, devido segundo ao autor do livro a ‘ameaça do proletariado’. Ocorreram também caça à organização de trabalhadores, leis que somente foram abolidas em 1825.

Também é estabelecido uma dialética sobre o que ocorria fora das legislações e desapropriações na Europa, o processo de colonização não é ignorado por Marx que coloca também como parte fundamental para o processo de acumulação.

“As descobertas de ouro e prata na América, o extermínio, a escravidão das populações indígenas, forçadas a trabalhar no interior das minas, o início da conquista e pilhagem das Índias Orientais e a transformação da África num vasto campo de caçada lucrativa são os acontecimentos que marcam os albores da era de produção capitalista” (MARX, 1980, p.868).

Diante do capítulo o autor coloca que o processo de colonização estava intimamente ligado ao sistema capitalista europeu. Por meio da pilhagem, escravidão e massacre. O que era extraído das colônias se transformava em capital. (Marx, 1980, p.871). No final

do capítulo são colocadas breves reflexões a respeito do processo de acumulação primitiva.

São reforçadas as afirmações de Marx ao que se refere a pré-história do capital, colocando como o processo de expropriação é fundamental para o desenvolvimento da propriedade privada. Também é destacado como o processo de acumulação e centralização e uma tendência sistêmica (MARX, 1980, p.881). Finalizando o capítulo ele coloca que a grande questão agora é a desapropriação de poucos usurpadores pela massa do povo.

A análise de Marx forma uma nova perspectiva histórica em relação aos impactos econômicos e sociais da formação do capitalismo. As estruturas de ligação com o colonialismo e a estruturas de dominação são bem analisadas em sua obra, contudo é possível aprofundar ainda mais a análise de acumulação primitiva buscando biografias mais contemporâneas, que abordam mais profundamente os impactos da acumulação primitiva na configuração de gênero e natureza, como o caso do livro de Silva Federici *Calibã e a Bruxa*, publicado pela primeira vez em 1998 e recentemente traduzido para português.

Segundo Federici, a acumulação primitiva descrita em *O Capital* de Marx vai muito além de termos produtivos e sociais que somente afetavam o proletário. a colonização das Américas e África não foram os únicos processo que contribuíram para o formação do operário europeu. “Este processo demandou a transformação do corpo em uma máquina de trabalho e a sujeição das mulheres para a reprodução da força de trabalho”. (FEDERICI, 2017, 119). E esse desenrolar histórico de transformação dos corpos em máquina causara frações dentro da classe trabalhadora nascente, explorações de gênero e raça se desenvolvem e o arquétipo de bruxa como doutrinação do papel feminino na sociedade capitalista é desenvolvido.

A questão da privatização da terra e a questão feminina estão fortemente ligadas, pois durante o período feudal, antes da chegada de sua decadência, frações religiosas fora do cristianismo dogmático católico contava com a relação natureza e humanidade, principalmente entre as mulheres, que em alguns agrupamentos religiosos tinha papéis protagonistas nas comunidades, quando Silva Federici fala sobre os movimentos milenaristas e heréticos logo no começo do livro durante primeiro capítulo.

Durante o processo de cerceamento e privatização se pode destacar a mudança da visão sobre a natureza, pois se via como meios de produção e propriedade privada. E junto a essa visão ocorre um processo de doutrinação entre homem e natureza, em especial

mulheres e homens proletários. Em primeiro lugar cabe destacar a nova função da terra como unidade produtiva que viabilizava maior quantidade de comida para o mercado externo

Para os trabalhadores, isso representou a instauração de dois séculos de fome, da mesma forma que, atualmente, mesmo nas áreas mais férteis da África, da Ásia e da América Latina, a desnutrição é endêmica, devido à destruição da posse comum da terra e da política de “exportação ou morte” imposta pelos programas de ajuste do Banco Mundial. Tampouco a introdução de novas técnicas agrícolas na Inglaterra compensou essa perda. Pelo contrário, o desenvolvimento do capitalismo “operou em perfeita harmonia” com o empobrecimento da população rural (Lis e Soly, 1979, p. 102). Um testemunho da miséria produzida pela privatização da terra é o fato de que, apenas um século depois do surgimento do capitalismo agrário, sessenta cidades europeias instituíram alguma forma de assistência social ou estavam se movendo nesse sentido, ao mesmo tempo que a indigência se tornava um problema internacional (ibidem, p. 87) (FEDERICI, 2017, 119).

Seguindo o pensamento de Federici, a luta contra o cercamento de terras ocorreu entre o século XV e XVII com a forte presença de mulheres, pois, a propriedade comunitária agrária era o centro de sociabilização, subsistência e reprodução da vida cotidiana (FEDERICI, 2017, 144). Mais adiante em seu livro a relação natureza e corpo aparece mais uma vez ao se falar de questões contraceptivas e a reprodução de força de trabalho para o Estado. A posição da mulher no processo de acumulação capitalista resultou na queda do valor do trabalho feminino, desqualificação da mão de obra e proibição das mulheres de exercerem tarefas que anteriormente tinham grande presença do público feminino, como é o caso das fabricantes de cerveja e parteiras (FEDERICI, 2017, 182). A instituição do casamento virou uma espécie de carreira segundo, Federici, fortificando a visão da incapacidade feminina de se manter e sustentar sozinha, levando a perseguição de mulheres solteiras ou até mesmo viúvas. Somando esse processo com a espoliação das terras a presença da prostituição cresceu exponencialmente ao longo dos anos (FEDERICI, 2017, 184).

A prostituição já existia durante a idade média, porém com os novos ventos do século XVI trazidos pela reforma protestante, prostíbulo foram fechados e mulheres perseguidas e torturadas em praça pública, assim como o corpo de operários advindos do campo sofreu com a “legislação sanguinária” como coloca Marx, as mulheres sofreram com legislações específicas que construíram o papel da mulher na sociedade capitalista que consistia na dona de casa e trabalhadora relacionada aos afazeres domésticos (FEDERICI, 2017, 188). Também é importante ressaltar a formação de um novo contrato socio-sexual que se forma entre mulheres, homens e terra. Em compensação a terras perdidas as mulheres se

tornariam uma compensação a terras perdidas para os homens, daí surge o termo “mulher comum”

[...] todas as mulheres (exceto as que haviam sido privatizadas pelos homens burgueses) tornaram-se bens comuns, pois uma vez que as atividades das mulheres foram definidas como não trabalho, o trabalho das mulheres começou a se parecer com um recurso natural, disponível para todos, assim como o ar que respiramos e a água que bebemos. Esta foi uma derrota histórica para as mulheres. Com sua expulsão dos ofícios e a desvalorização do trabalho reprodutivo, a pobreza foi feminilizada. Para colocar em prática a “apropriação primitiva” dos homens sobre o trabalho feminino, foi construída uma nova ordem patriarcal, reduzindo as mulheres a uma dupla dependência: de seus empregadores e dos homens. (FEDERICI, 2017, 191).

É intrínseco a relação capitalismo, mulher e natureza, não sendo possível pular nenhum desses pontos para uma análise minimamente completa. Infelizmente muitas das vezes o debate trazido de Federici é colocado em discussões exclusivamente em perspectivas históricas ditas como feministas e não parte de uma discussão clássica, concreta e objetiva para a construção de um sistema de produção.

A relação com a nova organização econômica e social de propriedade pode ser observada também em outro exemplo de Marx, no livro *Os despossuídos*, onde está presente o debate de propriedade e a relação furto.

A questão do livro de Marx se desdobra sobre a questão da retirada de madeira caída das árvores em propriedades privadas se enxergada como roubo. Segue o pensador alemão “A ligação natural com a propriedade foi substituída pela ligação artificial. Portanto, quem furta madeira cortada furtada da propriedade. No caso da madeira caída no chão, em contraposição, nada é tirado da propriedade. Tira-se da propriedade o que já foi tirado dela, a grande questão “é a distinção moderna e privado e público e sua aplicação ao direito a propriedade”” (MARX, 2015, p.20).

Os processos de luta contra o cercamento foram pautados por uma ideia de legitimidade pois defendiam antigos costumes e tradições advindas do antigo sistema de reprodução (feudalismo). Nisso a legislação sobre a propriedade passeia-se na dualidade entre possuidores e não possuidores (MARX, 2015, p.25). Importante ressaltar que no processo de separação entre meios de produção e trabalhadores o sentido de propriedade é alterado pois, no primeiro momento a propriedade individual é aquilo que garante os direitos individuais do ser enquanto cidadão e indivíduo, já no segundo representa o direito de apropriação privativa dos meios de produção (MARX, 2015, p.39).

Uma questão importante relativa a privatização é a “privatização de saberes”. Como visto anteriormente em Federici as mulheres parteiras foram obrigadas a abandonar seus postos de trabalho, dando espaço assim a um conhecimento científico mais seletivo

alienando o trabalho feminino (MARX, 2015, p.51). Em termos mais atuais se pode descartar o processo de biopirataria como forma de privatização de saberes, pois o mesmo aliena o conhecimento de povos originários, por exemplo, e o transformam em exclusivamente meios de produção e mercadoria e retiram sua acessibilidade as populações.

O desenvolvimento do debate sobre a função da propriedade privada para a sociedade ou até mesmo uma transformação dela será o um profundo debate nas obras de Marx e Engels. Cabe chamar a atenção para as perspectivas em torno de um desenvolvimento revolucionário fora de padrões puramente capitalistas e industriais, mas por meio de uma relação agrária e comunitária que é desenvolvia na Rússia antes de sua revolução socialista. Tal debate será abordada futuramente neste artigo.

Foi colocado até agora todo o processo de estruturação do que vem a ser acumulação primitiva segundo Marx e Friedrich. Cabe também apontar agora visões que Karl Marx, e Engels têm sobre a ideias gerais sobre o desenvolvimento da sociedade capitalista e das condições para transforma-las.

Uma obra indispensável para compreender as contribuições dos autores é o *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1848 o livro estabelece uma relação entre burguesia e proletariado e a evolução do que seria comunismo. Importante ressaltar que o Manifesto não é um escrito estagnado, de acordo com o contato de outras realidades sociais se criou a necessidade da tradução dos textos em outras línguas. Marx elabora prefácios até 1882 um ano antes de sua morte, prefácios seguintes serão desenvolvidos por Engels.

Logo no início da obra é colocado pelos dois autores a relação entre Europa, América, África e Ásia. Segue o texto:

“O descobrimento da América e a circunavegação da África criaram um novo campo de ação para burguesia em ascensão. O mercado das Índias orientais e da China, a colonização da América, o comércio com as colônias, multiplicação dos meios de troca e das mercadorias em geral deram ao comercio, à navegação e à indústria um impulso nunca até então conhecido e, com ele, um rápido desenvolvimento ao elemento revolucionário na sociedade feudal em desintegração “ (ENGELS & MARX, 2015, p. 63)

Em seguida é colocado qual foi o papel histórico da burguesia para o caminhar da sociedade. “A burguesia desempenhou na história um papel altamente revolucionário” (ENGELS & MARX, 2015, p.65). É apontado ao decorrer dessa frase como as relações sociais e de produção foram alteradas e continuarão sofrendo grandes modificações e



assim vem a célebre frase “Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são por fim são obrigados a encarar com os olhos bem abertos sua posição de vida e suas relações recíprocas” (ENGELS & MARX, 2015, p.65).

Em relação ao sujeito revolucionário que seria o proletariado é colocada a relação que com o desenvolvimento do capital e a burguesia se desenvolvem a classe trabalhadora também irá se desenvolver (ENGELS & MARX, 2015, p.70). Após essa afirmação cabe o seguinte questionamento: qual é a análise desses pensadores sobre aquelas sociedades que não possuem uma burguesia fortemente consolidada e um corpo de proletariados significativos?

Para responder esse questionamento cabe voltar os olhares para obras menos conhecidas de Marx e Engels, muitas dessas obras são cartas, artigos, entrevistas a outros socialistas, anarquistas e revolucionários, por muito tempo essas cartas foram colocadas como menos importante ou até se perderam devido a sua fragmentação. Por sorte essas cartas, análises e textos menos conhecidos foram juntados em algumas obras. Antes de retomar aos prefácios do *Manifesto* será apontado o debate sobre a realidade e as condições revolucionárias de alguns países.

Uma das grandes questões revolucionárias presentes nas cartas e artigos de Marx e Engels era sobre a Rússia. A relação entre o Czarismo e os camponeses estavam apontando segundo as análises dos pensadores uma revolta camponesa segundo o livro *Lutas de classes na Rússia*, uma compilação de artigos e cartas de Karl Marx e Friedrich Engels. A grande discussão a respeito dessa possível revolta seria o caráter do levante popular e se ele poderia ou não assumir dimensões socialistas.

Um debate presente é sobre a comuna agrária o *mir* e o seu papel de atraso ou progresso para a situação revolucionária no país.

Primeiramente cabe colocar aqui a visão de Engels sobre a questão russa, entre 1870 a 1875 o autor se debruça a escrever análises sobre a questão revolucionária na Europa e apontando para a Rússia as suas visões. Algumas dessas leituras foram desenvolvidas para o jornal *Der Volksstaat* (O Estado Nacional). O primeiro artigo a se destacar é a tréplica do companheiro de pesquisa de Marx à Piotr Nikititch Tkatchovy. Tkatchovy endereçou um acarta aberta redigida sobre uma perspectiva anarquista bakuniana criticando as contribuições de Engels para o debate

nacional russo. Em resposta foi redigida uma acalorada carta, porém como muitos elementos importantes a se destacar.

O grande debate de resposta redigida é sobre a questão czarista e a crítica ao caminho revolucionário desenvolvida pela literatura anarquista. A perspectiva que um levante popular na Rússia acontecesse tinha uma importância para a Europa muito mais valiosa que a questão russa em si mesma, Engels começa sua análise dizendo “A evolução dos eventos na Rússia se reveste da maior importância para a classe trabalhadora alemã” (ENGELS & MARX, 2015, p.34) colocado com campo reacionário o czar russo, que por sua vez teria acabado com a revolução húngara em 1849 e no ano seguinte restabeleceu o “velho” parlamento alemão. Ainda segundo Engels:

“Nenhuma revolução poderá obter a vitória definitiva na Europa ocidental enquanto ao seu lado existir o vizinho russo. Sendo, porém, a Alemanha seu vizinho mais próximo, é ela que sentirá o primeiro impacto dos exércitos reacionários russos. A derrubada do Estado czarista russo e a destituição de seu império constituem, portanto, uma das primeiras condições para a vitória definitiva do proletariado “alemão” reveste da maior importância para a classe trabalhadora Alemã” (ENGELS & MARX, 2015, p.34)

Além de analisar os impactos de um levante popular bem sucedido na Rússia para a Europa Ocidental, é destacada a realidade das forças produtivas russas, o camponês. A situação do campesinato por Engels é colocada como um “pântano a-histórico” (ENGELS & MARX, 2015, p.35), essa análise deriva de que as forças produtivas ainda estavam em relações de não capitalistas de produção, a servidão e o trabalho forçado ficaram vigentes até 1861, o que ainda segundo Engels piorou a vida dos trabalhadores do campo e da nobreza.

A segunda parte da carta retrata a questão revolucionária, Tkatchovy acusa Engels de não conhecer a realidade russa além de apontar que o caminho da transformação do país se encontra em um caminho mais fácil devido à ausência da burguesia, fazendo com que os camponeses não tenham que enfrentar o poder econômico (ENGELS & MARX, 2015, p.37). Engels responde:

“A revolução almejada pelo socialismo moderno é, sucintamente, a vitória do proletariado contra a burguesia e a reorganização da sociedade mediante a anulação das diferenças de classes. Para tanto, é preciso que haja não só um proletariado capaz de realizar essa revolução, mas também de uma burguesia, em cujas mãos as forças produtivas da sociedade se desenvolveram a ponto de permitir a anulação definitiva da diferença de classes” ENGELS & MARX, 2015, p.37).

Como visto anteriormente em *O manifesto do partido comunista* a burguesia teve seu papel revolucionário na história, e segundo a carta, a burguesia é uma “pré-condição necessária para a revolução socialista quanto o próprio proletariado”. Aprofundando mais o debate sobre uma revolução na Rússia Tkatchov coloca que a revolução será de cunho socialista pois os russos possuem a propriedade comunal da terra (ENGELS & MARX, 2015, p.43). Segundo Engels esse tipo de propriedade é um tipo de cooperação entre os trabalhadores contendo instancias de eleições e deliberações entre os trabalhadores. Sobre a relação entre *artel* e socialismo é colocado:

“A preponderância dessa forma na Rússia comprova, em todo caso, a existência de um forte impulso associativo entre seu povo, mas nem de longe comprova sua capacitação para, com a ajuda desse impulso, saltar sem mais nem menos do *artel* para a ordem socialista. Para isso requer antes de tudo, que o próprio *artel* seja capaz de evoluir despidendo-se da sua forma natural-espontânea- na qual como vimos serve menos aos trabalhadores do que o capital- e elevando-se no mínimo posição das sociedades cooperativas da Europa ocidental.” (ENGELS & MARX, 2015, p.46).

Em continuidade ao caráter da comuna rural russa é colocado na correspondência que a existência de um comuna agrária é referente a uma forma atrasada de desenvolvimento (ENGELS & MARX, 2015, p.49), cabe lembrar que no processo de acumulação primitiva Marx aponta para a desapropriação de aborígenes na Inglaterra. Na resposta a Tkatchov é colocado que a visão de mundo do camponês russo limita se ao *mir* (ENGELS & MARX, 2015, p.51) e a assuntos externos ao *mir* somente eram relevantes à medida que interferiam na própria vida da comuna.

Há desigualdade de renda entre os camponeses e as terras que são distribuídas, muitas vezes os moradores do *mir* abandonavam suas terras principalmente depois da dissolução da servidão (ENGELS & MARX, 2015, p.52). Engels também coloca que a comuna russa poderia evoluir para uma etapa superior de transformação, mas que isso dependeria da revolução da Europa ocidental antes que a comuna se deteriore naturalmente com o avanço econômico. (ENGELS & MARX, 2015, p.53). Finalizando a carta Engels afirma que a Rússia passa sim por uma situação revolucionária e ressalta a importância de uma revolução naquele país para a Europa Ocidental.

Como visto nos escritos de Engels há um evolucionismo presente, primeiro a sociedade pré-histórica, seguida pela feudal, transformada pelo capitalismo e em seguida a sociedade socialista. A grande questão de se notar no pensamento de Marx e Engels é uma virada epistemológica sobre modos de produção não tradicionalmente capitalistas.

Em 1882 após a respostas de Engels ao revolucionário russo é lançado a segunda edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*, juntos Karl Marx e Friedrich Engels escreveram o prefácio que continham elementos da resposta a Tkatchov como reafirmando o caráter reacionário do governo czarista, novos elementos também aparecem como a questão da imigração europeia para os Estado Unidos que possibilitou a quebra do monopólio comercial ocidental europeu. Sobre a Rússia o texto coloca:

“O *Manifesto Comunista* tinha, por objetivo, a proclamação da inevitável e iminente dissolução da propriedade burguesa moderna. Mas a Rússia encontramos, face à negociata capitalista em rápido florescimento e à propriedade burguesa da terra que agora começa a se desenvolver, mais da metade do solo na posse comunitária dos camponeses. A questão agora é: poderá a *Obshchina* [comunidade rural] russa, apesar de gravemente debilitada, ainda na forma primitiva de propriedade comum do solo, passar diretamente à forma superior da propriedade comunitária comunista? Ou, pelo contrário, terá de passar primeiro pelo mesmo processo de dissolução que constitui a evolução histórica no ocidente?” (ENGELS & MARX, 2015, p.42)

O encerramento do prefácio os autores colocam que caso a revolução proletária russa se torne um farol para a revolução no ocidente e que “ambas se completem” a comuna russa pode virar um ponto de partida do desenvolvimento comunista (ENGELS & MARX, 2015, p.42). Após as considerações de Engels e o prefácio escrito com seu companheiro, cabe ressaltar o contato e as considerações de Marx sobre a Rússia.

O primeiro contato com a Rússia é através de Nikolai Danielson, economista populista. Marx por incentivo do populista começa a estudar formas comunais de propriedade, tendo contato com revolucionários russos. O fundador do comunismo moderno aprende a língua desses revolucionários e preenche mais de trinta mil páginas de anotações (TIBLE,2017. P.74).

A revolucionária russa Vera Zaslitch também troca cartas com Marx a respeito da comuna agrária russa. O livro *O Capital*, em especial o capítulo referente a acumulação primitiva, representava para os revolucionários russos uma questão de “vida ou morte” pois a atuação dentro do movimento revolucionário russo girava em torno do *mir* ” (TIBLE, 2017, p.78). Segundo a carta de Zaslitch:

[..] A meu ver trata-se de uma questão de vida ou morte, sobretudo para nosso partido socialista. Do posicionamento de vossa parte sobre essa questão depende até mesmo o nosso destino pessoal como socialistas revolucionários [...] Mas se, pelo contrário, a comuna está destinada a perecer, ao socialista como tal não resta outra coisa senão dedicar-se a cálculos mais ou menos mal fundamentados para descobrir em quantas dezenas de anos, talvez, o capitalismo atingirá na Rússia um desenvolvimento comparável ao da Europa Ocidental. (ENGELS & MARX, 2015, p.79)

A colocação da socialista russa traz elementos de comparação entre Rússia e Europa. Nessa carta não foi trabalhado um conceito de desenvolvimento capitalista desigual, periferia capitalista ou cooperação antagônica; conceitos que serão vistos mais à frente, contudo é possível ver que as condições materiais e históricas do desenvolvimento capitalista não possuem um desenvolvimento totalmente uniforme.

Retomando o conteúdo dessas cartas, e perceber onde elas se encontram no espaço é tempo minimamente intrigantes. No livro da Editora Boitempo *Lutas de Classes na Rússia* a autoria é atribuída a Marx e Engels, porém como colocado anteriormente esse livro possui cartas de interlocutores de Marx e Engels. a um capítulo de autoria de David Riazanov<sup>2</sup>, que por sua vez, comenta a troca de cartas entre Marx e Zaslitch.

O historiador soviético retrata em seu texto que em 1911 quando enquanto organizava os papéis do próprio Marx encontrou papéis rasurados em que pareciam cartas a resposta para a carta de Zaslitch que foi escrita em 16 de fevereiro de 1881 (ENGELS & MARX, 2015, p.71). Após a Revolução Russa e a primeira Guerra Mundial em 1923 a versão final da carta foi encontrada sem o endereço e assinatura. David Riazanov aguardou a publicação da última carta escrita por Marx, e afirma “Resulta que, para os então editores, “permanecem desconhecidos os reais motivos essa carta de Marx, que se referiu a questão tão vivamente discutida pelos círculos revolucionários russos, caiu no esquecimento” (ENGELS & MARX, 2015, p.71)

Cabe ressaltar que ocorreu uma significativa mudança na estruturação mundial, a emergência dos Estados Unidos, Revolução Russa, Primeira Guerra Mundial marcaram já uma evolução do Marxismo, em especial desenvolvido na URSS que lutava para se firmar enquanto primeira nação socialista no globo terrestre.

A resposta definitiva de Marx a carta de 16 de fevereiro de 1881 contém elementos do livro *O capital* na qual o trecho destacado coloca que a base do sistema capitalista consiste na separação profunda entre o produtor e o meio de produção, e esse processo se deu pela expropriação dos agricultores. A passagem se finaliza afirmando que tal fenômeno ocorreu de forma radical na Inglaterra, porém países da Europa Ocidental se encaminham para o mesmo fim. (ENGELS & MARX, 2015, p.114).

---

<sup>2</sup> Riazanov foi um dos grandes tradutores e intérpretes das obras de Engels e Marx, foi morto durante os expurgos na URSS. Cabe questionar quais foram os motivos para a perseguição contra o historiador soviético, talvez críticas ao modo etapista do socialismo moderno, conhecido posteriormente como comunismo ortodoxo.

Ao finalizar suas considerações a socialista russa, Marx aponta que as diferentes transições de propriedades entre a Europa Ocidental e a Rússia e afirma que:

“[...] A análise apresentada n’*O Capital* não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz dessa questão, para o qual busquei os materiais em fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca [*point d’appui*] de regeneração social da Rússia, mas para que ela possa funcionar como tal, seria necessário, primeiramente, eliminar as influências deletérias que assaltam de todos os lados e então assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo.” (ENGELS & MARX, 2015, p.115).

Exposto as duas visões sobre a comuna russa e o caminho revolucionário, é possível ir mais além de mudanças no pensamento etapista e evolucionista para o socialismo, é possível enxergar o engajamento de Marx e Engels nas lutas sociais fora do centro capitalista europeu. Em 1849 Marx analisa conjunturas fora do centro capitalista do século XIX, como coloca o livro *Marx Selvagem* de Jean Tible. Nessas análises, em especial as da Índia, se tora mais nítido “uma tensão entre os horrores do colonialismo e a necessária marcha civilizatória” (TIBLE, 2017, p.55)

Algumas cartas entre Engels e Marx mostram as reflexões a respeito do colonialismo. Em junho de 1853 Marx escreve a Engels a respeito da colonização britânica, colocando que “o conjunto da administração britânica nas Índias é ignóbil e permanece até hoje”. Sete anos mais tarde, em 1860, Karl Marx e Engels mudam sua postura inicial em relação ao México que analisava a conquista do país como pelos os EUA um progresso (TIBLE, 2017, p. 58), em defesa do México contra a política de anexação, colocando os empreendimentos capitalistas sobre a sociedade mexicana como “um dos mais monstruosos empreendimentos já criticados nos anais da história internacional” (TIBLE, 2017, p.64).

Reflexões Marxianas também se fizeram em relação a questões como raça, no livro de Kevin B Anderson, *Marx nas Margens* (2019), escritos de Marx sobre a Guerra Civil Americana abordam as leituras do confronto. Existia uma grande questão emancipatória, no prefácio do livro do *O Capital* na edição de 1867 o autor colocou que “a Guerra Civil Americana foi o prenúncio das revoluções socialistas por vir” (ANDERSON, 2019, p.137). Além de se posicionar a favor do norte, foi dado o apoio a abolicionistas radicais, criticando por sua visão ponderada Abraham Lincoln, o seja Marx via uma direta relação da vitória proletária a uma profunda ação contra a escravidão.

Textos sobre raça e classe de Marx foram poucos discutidos pela literatura, talvez por esses serem textos mais marginais aos conceitos centrais de Marx. Os textos de Marx receberam maior atenção durante a Depressão dos 1930 quando trabalhadores brancos e

negros se uniram. Bertram Wolfe retoma os escritos em um panfleto em 1934 (ANDERSON, 2019, p.138).

Em 1860 Marx aumenta sua admiração pelos revolucionários afro-americanos, escrevendo a Engels que a umas das coisas mais relevantes no mundo é o movimento de escravos nos EUA e o movimento de escravos na Rússia. Em 1861, após a Eleição de Lincoln, Engels responde afirmando que “a escravidão parece estar rapidamente aproximando de seu fim” (ANDERSON, 2019, p.146). Depois de quatro meses dessa carta, Marx manda outro escrito a seu tio Lion Philips apontando que a vitória do norte sobre o Sul era clara porque a revolução escrava, caso houvesse necessidade, seria a melhor estratégia.

Um fator interessante a respeito da Guerra Civil Americana e sua repercussão internacional foi o apoio das classes dominantes britânicas, com seu apoio midiático, aos confederados do sul (ANDERSON, 2019, p.147). Grande parte das exportações do sul para a Inglaterra era de algodão, mesmo o país inglês que se coloca como empreendedor do fim a escravidão não pode perder seu estoque de matéria prima, mesmo que fosse apoiando um sistema produtivo que iria contra suas leis.

Outro ponto a ser levantado por Marx em suas correspondência a Engels foram a relação entre Sul e Norte. Existia uma frouxidão do Norte em relação ao fanatismo do sul, que por sua vez via como um dos fundamentos de sua constituição a escravidão aberta em todo o país. É descrito como é em 1820 o Norte fez concessões em relação a escravidão para o Sul (ANDERSON, 2019, p.147) e o sul almejava a dissolução do norte e a anexação em seu território.

Alguns artigos de Marx também cobriram a questão da Guerra Civil. Publicado tardiamente em 11 de outubro de 1861 seu artigo em no jornal *Tribune* colocava que a perspectiva do Norte não era acabar com a escravidão e que vi a escravidão sulista como “retomar os verdadeiros princípios de seu desenvolvimento” (ANDERSON, 2019, p.154).

Entre as correspondências entre Marx e Engels houveram discordâncias em relação ao potencial de transformação do Norte. Em 12 de maio de 1862 Engels coloca que em meio a indiferença do norte “onde existiria alguma energia revolucionária?” (ANDERSON, 2019, p.162). Dois meses depois Engels coloca que a falta do norte de levar a luta contra escravidão de forma mais profunda impediria de colocar um transformação em linhas revolucionárias. Grande parte da análise de Marx sobre o confronto está presente em cartas, especialmente após o fim de sua carreira jornalística

com a saída do *Die Press*, as análises continuaram até a inauguração da Primeira Internacional.

Durante o discurso inaugural da Primeira Internacional do Trabalhadores, em novembro de 1864 Marx dedica algumas palavras a respeito da vitória da União sobre os confederados, segundo Marx:

“Não foi a sabedoria das classes dominantes, mas a heroica resistência ao seu delírio criminoso por partes das classes trabalhadoras da Inglaterra que salvou o Ocidente da Europa mergulhar de cabeça em uma cruzada infame pela perpetuação da escravidão do outro lado do Atlântico” (ANDERSON, 2019, p.162).

Em meio a artigos, cartas e pronunciamentos é possível colocar a posição de Marx em relação à questão racial e o impacto revolucionário que essas lutas apresentam. Outro debate apresentado foi a questão da comuna agrária russa e a possibilidade de um salto revolucionário ao invés do etapismo do desenvolvimento para o socialismo moderno. Essas duas perspectivas abrem novos caminhos para serem estudados em Marx e no marxismo, oxigenando perspectivas críticas e transformadoras da realidade social.

Após colocar a perspectiva do próprio Marx e Engels sobre determinados assuntos, vale colocar outros pensadores, agora marxistas e suas perspectivas e contribuições ao método de análise. O interessantes de se destacar dessas contribuições são leituras e interpretações originais derivadas de leitura de Marx, essas contribuições destacadas nesse artigo são a respeito da relação entre o processo de acumulação em relação a áreas colocadas como não capitalistas e a realidade de indígenas na América Latina.

### **3- Rosa Luxemburgo e José Carlos Mariátegui acumulação e revolução**

Uma pensadora crucial para o desenvolvimento e expansão do pensamento marxista na Europa foi Rosa Luxemburgo. A revolucionária alemã nascida em 1871 e assassinada em 1919, foi uma grande mobilizadora política, organizou partidos e trabalhadores até o fim de sua vida. Luxemburgo presenciou levantes anarquistas alemães, a Revolução Russa e a Primeira Guerra mundial e, em cada uma dessas conjunturas foi feita uma análise, algumas fora do tradicionalismo marxista, principalmente após o Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) declarar apoio a participação da Alemanha na Primeira Guerra Mundial.

Contudo não são esses escritos que serão levantados. No livro *A acumulação do Capital* (1913), em especial na sessão III **capítulos XXVI**, Rosa Luxemburgo descreve o processo de acumulação e produção mais valia e como esses dois processos não são formados exclusivamente dentro do sistema capitalista, mas sim em áreas não capitalistas



do globo como Rússia, América, África e Ásia. Nesse momento não cabe discutir o enquadramento da análise “não capitalista”, mas sim se atentar ao olhar da revolucionária a periferia mundial fora do grande polo capitalista europeu.

No início do capítulo é colocado a descrição do sistema de reprodução e qual seria sua formação no processo histórico do capital, e é lançada uma crítica a análise marxista do esquema de acumulação que por sua vez, “procura descrever o processo de acumulação partindo do pressuposto de que os capitalistas e operários são os únicos representantes do consumo social” (LUXEMBURGO, 1985, p. 239). Haveria também um terceiro campo de pessoas dentro da sociedade, que não estão associadas a produções diretas (professores, prostitutas, reis, políticos), que estariam associadas ao sistema, contudo Rosa coloca a problemática da realização da mais valia dentro da relação capitalista e operário colocando que “O aspecto decisivo é que a mais-valia não pode ser realizada nem pôr operários, nem por capitalistas mas por camadas sociais ou sociedades que por si não produzam pelo modo capitalista” (LUXEMBURGO, 1985, p. 241)

A partir dessa colocação é analisada a inserção de vendas de produtos produzidos em centros capitalistas para zonas colocadas como não capitalistas, como também colocado em uma relação histórica do capitalismo o processo de transformação e destruição da economia precedente ao capitalismo.

“[...] A indústria algodoeira inglesa forneceu durante os 2/3 do século XIX (e ainda fornece, em parte, atualmente) tecidos de algodão ao campesinato e à pequena burguesia urbana do continente europeu, como também ao campesinato da Índia, da América, da África e etc. Nesse caso foi o consumo dessas camadas sociais e de países não-capitalistas que forneceu a base para a enorme expansão da indústria algodoeira [...] Nesse caso o Departamento II ( dos meios de consumo) realizava em escala crescente seus produtos em camadas sociais não capitalistas, gerando por sua vez, uma demanda crescente de produtos nacionais do Departamento I (dos Meios de produção), devido a sua própria acumulação ; auxiliou dessa forma este último na realização da mais-valia e em sua acumulação crescente” (LUXEMBURGO, 1985, p. 242)

O processo de historicidade da formação dos meios de produção e os meios de consumo, segundo Luxemburgo, não são totalmente executados de forma capitalista. É lembrado que grande parte da produção de algodão vinha das Américas, em especial dos Estados Unidos que efetivava sua produção por meio da escravidão, e os cereais que constituíam grande parte da alimentação dos trabalhadores ingleses vinham da Rússia “feudal.” (LUXEMBURGO, 1985, p. 245). Com a Guerra Civil estadunidense a compra de algodão ficou comprometida, com tudo pouco tempo de pois plantações de algodões surgiram no Egito, a capacidade de transformação da produção fora do centro capitalista é muito maior (LUXEMBURGO, 1985, p. 246), pois conta com elementos de violência muito maiores advindo da colonização, tema também atentado por Luxemburgo.

É lembrado no capítulo XXVII o processo de acumulação primitiva na Europa, que constituiu a transformação dos meios de produção e força de trabalho em capital “E até hoje a mesma tarefa é levada em uma frente em escala bem maior, na política colonial” (LUXEMBURGO, 1985, p. 246). A apropriação de meios naturais por meio da violência é uma das características primordiais da relação dos centro capitalista com regiões não capitalistas, esse processo não é uma acumulação primitiva, segundo Luxemburgo, é sim de uma guerra encaminhada do capital central contra a organização social e política dos nativos de países colonizados desapropriando os meios de produção e o roubo de forma de trabalho.

Quando é colocado que este processo não faz parte de uma acumulação primitiva é possível fazer alguns levantamentos. A acumulação primitiva segundo Marx foi a pré-história do capitalismo. Responsável por amadurecer o processo produtivo ao capitalismo e organizar a sociedade em classes o desenrolar histórico da acumulação constituiu em um violento processo de desapropriação e subjugação da nova classe trabalhadora. O elemento de violência também é presente nas regiões colocadas como não capitalistas, mas isso não é o bastante para colocar como processo de acumulação primitiva. Ao invés de desenvolver o processo produtivo no país para desenvolver o próprio capitalismo e concorrer com outros países capitalistas o fim desse processo visa uma anexação da economia “atrasada” colocando-a em condição dependente dos produtos e meios de produção da economias centrais, que por sua vez se desenvolvem reorganizando a economia em países fora de suas demarcações geográficas.

Após o processo de dominação e destruição da economia natural das colônias o processo de inserção delas à economia de mercado constitui a etapa seguinte. A sociedade não capitalista após sua destruição organizativa se tornam consumidoras e vendem seus produtos a centros capitalistas “esse é o marco inicial da “paz” e “igualdade” (LUXEMBURGO, 1985, p. 265). A relação de subjugação da economia não capitalista também ocorrem em âmbito “diplomático” como por exemplo indenizações de guerra, empréstimos de bancos europeus, abertura forçada de portos, construções de ferrovias e concessões cedidas a capitalistas; para Luxemburgo, foi uma das principais empreitadas contra a China.

Em referência a guerra do ópio que marcou o contato “moderno” das relações entre China e Europa foi a introdução forçada de cultivo de papoula em vários cantos da China, “A chave para o glorioso acesso da China à cultura europeia foi o cachimbo de ópio”. (LUXEMBURGO, 1985, p. 267) É contato detalhadamente ao decorrer do capítulo

XXVII, os massacres realizados contra o governo chinês para o aumento da produção e comercialização do ópio. Tais processos ocorreriam até 1911 com a revolução burguesa chinesa que proclamou a república da China em 1912.

Uma das grandes contribuições de Rosa Luxemburgo foi se atentar ao esquema de reprodução marxista e criticá-lo de forma coerente, mostrando a necessidade que setores não capitalistas exercem para o processo de acumulação e realização da mais valia “A acumulação não é a simples relação interna entre dois ramos da produção capitalista, mas sobretudo uma relação entre o capital e o meio não-capitalista quando Rosa Luxemburgo aponta suas análises ao mundo fora da Europa, ela também traz reflexões sobre os conflitos e contradições dentro das realidades não capitalistas. Assim cabe destacar outro marxista que além de enxergar o conflito de classes fora da Europa, nasceu na América Latina, em especial no Peru, trazendo uma visão própria do continente sobre a revolução peruana e os sujeitos revolucionários.

O sociólogo, jornalista e crítico literário marxista José Carlos Mariátegui (1894-1930) é apontado como um dos primeiros e um dos mais influentes pensadores do marxismo americano do século XX, uma das suas principais obras é conhecida como *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928). Neste livro Mariátegui analisa a sociedade peruana apontando seus problemas e apontando para suas principais causas, e o mais importante é que ele coloca como possibilidade de revolução e sujeitos revolucionários costumes coletivos dos indígenas e os próprios indígenas peruanos.

O debate na obra de Mariátegui rescende a discussão do *mir* e de comunidades não capitalistas e sua capacidade de transformação. Como colocado anteriormente algumas cartas e escritos de Marx só foram redescobertos posteriormente por Riazanov em 1911. O livro de Mariátegui data dezessete anos após o achado, não é possível afirmar certamente se o autor peruano teve contato com esses escritos, porém o mesmo foi acusado de “populista” e romântico por Vladimir Mikhailovich Myasishchev, engenheiro aeronáutico soviético; e em 1938, dez anos após a publicação peruana David Riazanov foi morto durante o período stalinista, e provavelmente suas obras foram censuradas, o que coloca o acesso de Mariátegui a certos documentos mais complexas.

Durante o século XX até 1970, aproximadamente, na América Latina existia uma discussão sobre o caráter feudal do continente. A discussão englobava muito o caráter religioso de Espanha e Portugal, mas principalmente a não nitidez de desenvolvimento capitalista, em especial o industrial. Em seu livro Mariátegui aborda a questão feudal, principalmente o que tange ao Peru, é colocado que como o processo de colonização que

impunha aos nativos configurava um sistema feudal se mescla a elementos de uma sociedade escravista devido a importação de escravos das *haciendas*<sup>3</sup> criando assim uma semi-feudalidade crioula (Mariátegui, 2007, p.9).

Na formação nacional do Peru, no seu processo de dependência, sofreu grande influência de revoluções de independência como a dos Estados Unidos, além da forte caminhada da Inglaterra em difundir o capitalismo ocidental. A entrada do capital e influência europeia foi significativa para mudanças na região, como coloca Mariátegui:

Al Occidente capitalista empezaron a enviar los productos de su suelo y su subsuelo. Y del Occidente capitalista empezaron a recibir tejidos, máquinas y mil productos industriales. Se estableció así un contacto continuo y creciente entre la América del Sur y la civilización occidental. Los países más favorecidos por este tráfico fueron, naturalmente, a causa de su mayor proximidad a Europa, los países situados sobre el Atlántico. La Argentina y el Brasil, sobre todo, atrajeron a su territorio capitales e inmigrantes europeos en gran cantidad. Fuertes y homogéneos aluviones occidentales aceleraron en estos países la transformación de la economía y la cultura que adquirieron gradualmente la función y la estructura de la economía y la cultura europeas. La democracia burguesa y liberal pudo ahí echar raíces seguras<sup>14</sup>, mientras en el resto de la América del Sur se lo impedía la subsistencia de tenaces y extensos residuos de feudalidad. En este período, el proceso histórico general del Perú entra en una etapa de diferenciación y desvinculación del proceso histórico de otros pueblos de Sud-América. Por su geografía, unos estaban destinados a marchar más de prisa que otros (Mariátegui, 2007, p.9).

O trecho destacado também chama a atenção por outra característica continental, a inserção dos diferentes países latino americanos a relações capitalistas, tal processo será retomado em um momento posterior neste trabalho, contudo cabe colocar que o caminho não uniforme do capitalismo no continente sul americano irá desenvolver um processo de crise na visão do desenvolvimento da sociedade por meio de uma revolução burguesa.

O desenvolvimento peruano consistia majoritariamente em uma relação entre o arcaico e os novos elementos. O arcaico seria o sistema feudal e os novos elementos seriam a leve urbanização, a população crioula, porém 4/5 da população eram indígena que trabalham majoritariamente na agricultura (Mariátegui, 2007, p.20). A composição social entre cidade e campo, melhor dizendo cidade e latifúndio era a dominância latifundiária “El latifundio ha empezado a sofocar a la ciudad. La negociación capitalista se torna más hostil a los fueros de la ciudad que el castillo o el dominio feudal. Le disputa su comercio, la despoja de su función.” (Mariátegui, 2007, p.22)

Se tem então o campo rural feudal, o latifúndio e o meio urbano, a propriedade moderna, segundo Mariátegui, não surge nesse primeiro momento a propriedade capitalista moderna advinda do feudo, foi necessário um fracionamento dos feudos para

---

<sup>3</sup> Grande latifúndio produtivo, algumas vezes a produção vai além de um produto. Não pode ser traduzido para “fazenda” do mesmo sentido que plantation não pode ser traduzida para “plantação”

que assim criar propriedade privada, contudo o “espírito do feudo” ainda estava bastante presente na sociedade sendo a antítese da propriedade moderna (Mariátegui, 2007, p.25). A questão da revolução de independência no Peru de Mariátegui consistiu na exclusão dos indígenas do processo de fundação da república, que caso as massas de agrárias tivessem sido o motor dessa transformação o caráter republicano seria agrário indígena, exemplos de revoluções burguesas e socialistas que beneficiaram o meio de produção rural

“Está ya bien estudiado cómo la Revolución Francesa benefició particularmente a la clase rural, en la cual tuvo que apoyarse para evitar el retorno del antiguo régimen. Este fenómeno, además, parece peculiar en general así a la revolución burguesa como a la revolución socialista, a juzgar por las consecuencias mejor definidas y más estables del abatimiento de la feudalidad en la Europa central y del zarismo en Rusia. Dirigidas y actuadas principalmente por la burguesía urbana y el proletariado urbano, una y otra revolución han tenido como inmediatos usufructuarios a los campesinos. Particularmente en Rusia, ha sido ésta la clase que ha cosechado los primeros frutos de la revolución bolchevique, debido a que en ese país no se había operado aún una revolución burguesa que a su tiempo hubiera liquidado la feudalidad y el absolutismo e instaurado en su lugar un régimen demo-liberal”. (Mariátegui, 2007, p.53).

A grande questão da república peruana foi não diminuir o poder dos latifundiários quer por sua vez perduraram a servidão, pois burguesia comercial e urbana não tinha poder político o suficiente para estabelecer um governo estável, fazendo que o fim da servidão não estivesse efetuado na realidade reforçando um aspecto das características de uma sociedade feudal mas não um feudalismo totalmente consolidado (Mariátegui, 2007, p.55).

A visão de Mariátegui se sintoniza com o debate latino americano a situação continental enquanto feudal ou semifeudalidade, porém sua contribuição é bastante original ao colocar o povo indígena peruano como força mobilizadora agrária e como o desenvolvimento nacional tomaria outro caminho com essa organização. Com o passar do século XX a questão feudal foi encontrando impasses e com isso o marxismo com a visão desenvolvimentista começam a entrar em crise nas décadas de sessenta e setenta, somados a golpes militares presentes em quase todos os continentes. Para estabelecer o debate o debate sobre o caráter econômico latino americano será destacado principalmente dois autores.

#### **4- Feudalismo e dependência**

Um das grandes obras a abordar a abordar o desenvolvimento da América Latina é *o desenvolvimento do capitalismo na América Latina* (1983) de Agustin Cueva. A obra traz o debate a respeito do caráter feudal ou não do continente e a discussão de vários autores sobre o tema, além de explicar a análise do autor sobre o caráter feudal e as

relações de produção e trabalho. Cueva foi um dos grandes pensadores marxistas do século XX em suas obras o tema América Latina era praticamente unânime, o sociólogo foi um dos grandes interlocutores sobre a análise da realidade latina. A visão do autor defendia o caráter escravocrata e feudal que o continente possuía e que esses dois elementos não foram inteiramente superados para que o desenvolvimento capitalista tenha atingido sua maturidade, e por consequência a era preciso realizar alianças táticas com a burguesia nacionalista para desenvolver as forças produtivas. Muitos partidos comunistas do continente aderiram essa linha, inclusive o próprio Partido Comunista Brasileiro (PCB) (MARINE, 2014, p. 204).

A estruturação capitalista latino-americana se forma a partir organizações prévias de produção, como por exemplo a herança colonial, essas organizações, por sua vez, possuíam laços e se desenvolveram com o capitalismo de países capitalistas (CUEVA, 1983, p.23). Para Cueva o processo de colonização na América Latina está situado no momento histórico de acumulação primitiva em escala global “Além de implicar acumulação sem precedentes em um dos polos do sistema, supõe necessariamente a desacumulação, também sem precedentes, no outro extremo” (CUEVA, 1983, p.24) a concentração de terras no por via escravismo ou “feudalismo” faz com que a inserção latino-americana significasse um atraso para uma forma de formação capitalista local.

Em referência ao termo usado por Enrique Semo, o autor coloca que os processos, a pouco citados, configuram um período de “desacumulação primitiva”, durante o texto não fica evidentemente claro o que seria esse processo de “descumulação”, contudo a citação de Semo coloca a falta de poder das camadas dominantes neo-espanholas e a grande pauperização da massa. Outro fator não diretamente ligado ao tremo de desacumulação, mas um elemento importante que caracteriza o não desenvolvimento econômico são formas de trabalho que ainda estão fortemente ligados a servidão ou a escravidão, não ocorreu uma “libertação” direta das forças de trabalho.

No capítulo quatro de sua obra é dedicado reflexões sobre a acumulação primitiva. É lembrado pelo autor que o processo de acumulação primitiva tem duas matrizes fundamentais: A criação da propriedade privada e a separação dos meios de produção. Esse fator histórico tem como processo o desenvolvimento no campo é o estabelecimento da pequena propriedade agrária, contudo segundo Cueva, não é esse processo que ocorreu na América Latina (CUEVA, 1983, p.70). Para o autor ao processo de acumulação primitiva latino-americano ocorre ao mesmo tempo que sucessões de riqueza e pilhagens

beneficiam a Europa assim constituindo uma economia primário exportadora complementar ao capitalismo industrial dos centros capitalistas (CUEVA, 1983, p.71).

A questão de concentração de terra era bastante peculiar na formação econômica continental, outro fator que diferencia a estruturação da economia foi a natureza exógena do processo, ou seja a influencia externa, que não teve por fim estabelecer uma base de desenvolvimento no restante do mundo, mas sim ampliar o processo de acumulação como visto anteriormente em Rosa Luxemburgo.

Trata-se de um dos casos limite. Nos quais, à falta de um processo completo de acumulação primitiva, o modo de produção capitalista se implanta só por impulsos externos e unicamente em umas poucas “ilhas” de uma formação social que em seu conjunto continua sendo fundamentalmente pré-capitalista (feudal, no caso peruano). Isto remete ao problema dessa particular articulação de modos de produção que dá origem às situações denominadas de “enclaves” [...]” (CUEVA, 1983, p.80).

Em conclusão de sua obra Agustin Cueva coloca que a transição para a propriedade burguesa de fato ocorre, mas sem um processo de transformação bastante significativo que colocasse o poder da oligarquia rural, grandes latifundiários, em cheque. O processo de industrialização ocorre de forma dependente e bastante peculiar em relação ao campo rural oligárquico, com essas considerações a questão agraria se tornou decisiva para a América Latina.

Um grande exemplo de diminuição de conflito entre indústria e latifúndio é o caso brasileiro, analisado por Ruy Mauro Marine. Segundo o Sociólogo brasileiro analisa que na metade da década de cinquenta durante o governo de Juscelino Kubitschek teve um grande crescimento econômico com forte participação do capital estrangeiro, a presença desse capital interfere nas reações entre o setor agroexportador e setor industrial. Com os ganhos no processo de capitalização e industrialização presente no plano de metas do governo JK o setor industrial “permitiu sem protestar, que boa parte do aumento da produtividade urbana fosse transferida para o setor agroexportador[...]” (MARINI, 2014, p.83), além da continuidade da política de compras de excedentes de sacas de café. Segundo o livro *Subdesenvolvimento e revolução* (1969) a relação entre indústria e campo agroexportador foi o mercado interno na América Latina foi diminuir as contradições, fazendo que grande parte dos setores latifundiários concentrassem a terra pauperizando os camponeses o que reafirma a importância da reforma agraria.

A vida e obra de Marine se misturam, não só um teórico marxista, o pesquisador foi também um militante responsável por fundar e mobilizar a Política Operaria Marxista (POLOP), grupo guerrilheiro armado que visava lutar contra a ditadura e organizar a classe trabalhadora para uma revolução socialista. Foi preso e torturado durante a ditadura

militar brasileira e se refugiou no Chile no, primeiro momento, ajudando a construir a Unidade Popular de Allende até o golpe de estado encabeçado pela CIA e executado por Pinochet em 1973. Interlocutor de Cueva, Marini debatia sobre a questão da dependência da formação econômica latino-americana e o caráter não feudal do continente, pois o mesmo segundo o autor, está inserido na lógica mercantil do capitalismo em formação no século XVI e aprofundado durante o século XIX (MARINI, 2014, p.47).

A teoria da dependência tem sua formação a partir da segunda metade dos anos sessenta e começo dos anos setenta, a Revolução Cubana em 1959 apresenta várias contradições a questão da revolução por etapas e das bases de uma economia capitalista consolidada. Também durante esse período ocorre uma aceleração no processo de integração das economias latino-americanas ao mercado mundial, colocando em cheque as perspectivas de um desenvolvimento autônomo na região (OSÓRIO, 2016, p.105).

Uma das grandes contribuições da TMD (Teoria Marxista da Dependência) foi a categoria de superexploração do trabalho que, de forma simples, significa o dobro da extração de mais-valia reduzindo consideravelmente o valor do salário e aumentando a jornada de trabalho. Tais condições são possíveis devido a fatores históricos raciais e de formação econômica continental.

“Para isso contribuiu, em parte, a falta de regulamentação das condições de trabalho e, portanto, a extensão desmedida da jornada produtiva- o que é certo, sobretudo para as massas trabalhadoras no campo. Mas, também foi importante nesse processo, a ruptura da relação entre a remuneração do trabalho e seu valor real, isto é, entre o que considerar como tempo de trabalho necessário e as efetivas necessidades de subsistência do trabalhador.” (MARINI, 2014, p. 173)

As novas concepções sobre a realidade da América Latina foram interrompidas devido a golpes militares que minaram ainda mais o pensamento crítico em todo o continente, com isso a formação de um pensamento transformador foi afetada. A debilidade do pensamento ortodoxo dentro dos partidos comunistas da região levantou as possibilidades do desenvolvimento do capitalismo nacional por meio de um campo “nacionalista”, porém esse mesmo campo teve bastante dificuldade para se estabelecer em frente de oligarquias latifundiárias.

### **5- Considerações finais**

Foi desenvolvido ao longo desse artigo o debate de acumulação primitiva, relação com a natureza junto com povos originários, e um debate sobre a questão revolucionária. O que se pode tirar desse breve debate? Primeiro que existe uma parte mais recente do Marxianismo, contudo cabe lembrar que novas perspectivas de interpretação de Marx seja por Mariátegui ou por pesquisadores e pesquisadoras da TMD. Segundo que ocorreu uma



mudança significativa no pensamento de Engels e Marx a respeito do desenvolvimento capitalista e de seu caminho de transição ou ruptura rumo ao socialismo. Terceiro que os olhares para obra de Marx não estão definidos, cabe salientar brevemente autores como Henrique Dussel, Álvaro Garcia Linera que estabelecem em seus trabalhos novos pontos de conexão entre Marx e América Latina, que não foram contemplados no trabalho por uma questão de tempo e espaço,

Hoje o trabalho de divulgação dentro do campo da esquerda e se debruçar sobre a vida e obra de autores importantes para a formação do pensamento crítico mundial, como Rosa Luxemburgo, Mariátegui, Marx, Engels, Malcon X e vários outros. Esse caminho não desmerecer trabalhos anteriores desses pensadores e revolucionário, mas sim apresentá-los de forma mais clara possível. Podem se destacar, por exemplo, a organizações das cartas de Marx com os populistas russos e sua questão revolucionária do *mir*, os escritos militares de Engels que foram recentemente traduzidos em português, escritos de Mariátegui organizados e traduzidos pela recém-formada editora Cio da Terra, compostas de muitos militantes em organizações revolucionárias e entre tantos outros trabalhos.

Nos dois últimos anos da primeira década do século XXI foi visto muitas, das tímidas, conquistas sociais e governos progressistas serem derrubados e campos reacionários se fortaleceram ainda mais, com isso também apareceu como uma necessidade a busca por respostas mais potencializadoras do campo da esquerda. Marx não conseguiu ser enterrado pela história, pois seu maior objeto de estudo está bem vivo o sistema capitalista e suas contradições e nocividades que oferecem ao desenvolvimento humano em todo o globo terrestre. Conceitos como a acumulação primitiva são fundamentais para entender a história e formação, não somente do capitalismo do norte, mas sim a periferia mundial também, pois a formação do sistema econômico europeu e posteriormente estadunidense influenciará a formação de todo o mundo.

As revoluções socialistas e suas transformações não ocorreram inicialmente nos grandes centros capitalistas, mas sim em áreas periféricas do globo como América Latina, Ásia e África, pois o processo de formação social e econômica modernos significaram um continuidade de contradições e sofrimento de seus povos. Deve se olhar não somente para as derrotas que o capo crítico sofreu, mas também suas conquistas. Nações que fizeram a escolhas de trilhar seu caminho fora da hegemonia capitalista hoje se colocam no cenário mundial como nações, e não somente como economias complementares a determinado polos econômicos. Exemplos podem ser destacados, como por exemplo a

China, Vietnã, Cuba e em certa parte a Rússia que hoje perpassa por vários retrocessos sociais; esses países mesmo com seus desmontes e reformas colheram, e alguns, ainda colhem os frutos de uma transformação social radical. Vale sempre lembrar as situações que se encontrava esses mesmos países antes de passarem por revoluções.

Para finalizar cabe dizer que o caminho da transformação social sempre será colocado como utópico, não se trata de um delírio romântico ou questão de fé em um mundo mais justo, outra realidade social somente é possível por meio da inserção e transformação do meio. A luta não é somente por melhores condições de vida, e sim pela vida dos povos, a luta não se resume a acesso a bens de consumo, mas contra todas as desigualdades sistêmicas produzidas e reproduzidas diariamente. Mas para que tudo isso ocorra se deve ter a ousadia de querer transformar.

## **6- Referencias Bibliográficas**

ANDERSON, Kevin B; Marx nas Margens: Nacionalismo, etnia e Sociedades não ocidentais; tradução Allan M. Hillani e Pedro Davoglio- 1 Ed – São Paulo; Boitempo, 2019.

CUEVA, Agustin; O desenvolvimento do capitalismo na América Latina; tradução Carlos A.machado – 1 Ed- São Paulo- Global editora e distribuidora LTDA. 1983.

LUXEMBURGO, Rosa; A acumulação do capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo; apresentação Paul Singer; tradução Marijane Vieira Lisboa e Otto Erich Walter Maas – 2 Ed- São Paulo; Nova Cultura, 1985.

MARIÁTUEGUI, José Carlos: 7 Ensayos de interpretación de la realidad peruana; Fundacion Ayacucho.

MARINE, Ruy Mauro; Subdesenvolvimento e revolução; tradução Fernando Correa Prado e Mariana Machado Gouvêa – 5 Ed- Florianópolis, Insular, 2014.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich ; Lutas de Classe na Rússia; organização Michael Lowy ; tradução Nélio Schneider- 1 Ed- São Paulo; Boitempo, 2013.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich ; Manifesto do Partido Comunista ; tradução Edmilson Costa - 3 Ed – São Paulo; EDIPRO, 2015.

MARX, Karl; O Capital: Crítica da Economia Política; livro 1: O processo de Produção do Capital. Volume 2, tradução Editora Civilização Brasileira S.A- Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1980.

MARX, Karl; Os Despossuídos: 1 Ed- São Paulo; Boitempo, 2013.

OSÓRIO, Jaime; O Marxismo latino-americano e a dependência; IN SEABRA, Raphael Lana (org) ; Dependência e Marxismo: contribuições ao debate crítico latino-americano; tradução Raphael Seabra – 1 Ed- Florianópolis , Insular, 2016.

SEABRA, Raphael Lana (org) ; Dependência e Marxismo: contribuições ao debate crítico latino-americano; tradução Raphael Seabra – 1 Ed- Florianópolis , Insular, 2016.

